

[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — Dr. Manuel Marques dos Santos
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.Administrador: — Padre Manuel Pereira da Silva
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

CRÓNICA

da FÁTIMA

(13 DE DEZEMBRO)

O dia treze de Dezembro, em Fátima, no local das aparições, dos fenómenos e das curas maravilhosas, que a voz popular singelamente designa com o nome tão prosaico de Cova da Iria, é caracterizado, quasi todos, se não todos os anos, por um tempo triste e um céu nublado e por uma deminuta concorrência de devotos. E não admira que assim seja, porque esse dia é um dos mais pequenos do ano, numa estação fria e chuvosa, numa região de estradas

tes, prolongava-se ao longe e ao largo, tornando invisíveis os campos e os povoados, ainda os que ficavam mais perto.

As nove horas, no cume do planalto sagrado, a névoa que o envolvia começa a dissipar-se, até que, pouco antes do meio dia, desapareceu por completo, sob os raios quentes do sol no zénite.

No recinto das aparições, a multidão engrossa de hora para hora, atingindo o elevado número de al-



UMA SERVITA

(Instantaneo na peregrinação de 13 de maio de 1927.)

intransitáveis e numa época de extraordinário labor agrícola, em que predominam a colheita da azeitona e a azáfama dos lagares. Os dias, que precederam imediatamente o dia treze de Dezembro, foram assinalados por chuvas contínuas e torrenciais, que tornaram os caminhos mais impraticáveis do que estavam, inundando-os e convertendo-os, na maior parte do seu percurso, em verdadeiros lamaçais. A manhã do dia treze apresentou-se soturna e agreste, como manhã dum autêntico dia de Inverno. Um nevoeiro húmido e frio envolvia as encostas da serra de Aire e, descendo até aos vales adjacen-

guns milhares, próximo do meio-dia solar.

A essa hora, um sacerdote sobe ao altar central da capela nova e celebra a missa dos doentes. Estes, que são apenas algumas dezenas, ocupam as primeiras bancadas do respectivo pavilhão, sendo as demais ocupadas por peregrinos válidos, especialmente por senhoras.

Durante a missa reza-se, na forma do costume, o terço do rosário pelos peregrinos, pelos enfermos e por todas as intenções recomendadas.

Depois da missa, realiza-se a tocante cerimónia da bênção dos doentes. Sobe em seguida ao púlpito o

rev.do Pereira Gens, pároco de Ourém, que fala, pelo espaço de meia hora, sobre as glórias da Santíssima Virgem, a eficácia da sua protecção maternal e a necessidade da vida cristã, vida de crença firme e esclarecida nas verdades religiosas e da observância fiel e constante dos preceitos da lei de Deus e dos mandamentos da Santa Igreja.

Após o sermão, o rev.do Marques dos Santos expõe à multidão o plano geral das obras concluídas, já começadas ou ainda a iniciar, no recinto das aparições. De cada lado do pórtico central, já erecto, será levantado outro arco, que dará entrada para uma nova avenida. As três avenidas serão cortadas perpendicularmente, na altura da capelinha das aparições e da fonte miraculosa. Dois hospitaes-sanatórios serão construídos, um junto do Posto das verificações médicas e o outro do lado oposto, fazendo *pendant* com o primeiro. Por trás da actual capela das missas, eleva-se já uma linda igreja, ainda incompleta, destinada à celebração dos actos do culto.

Ao lado dela, na extremidade oposta, será edificada outra igreja semelhante, com o mesmo fim.

Entre as duas, no topo da colina sagrada, um templo grandioso, com setenta e três metros de comprimento, volverá para as alturas a sua torre e os seus corucheus, como gigantesco padrão comemorativo das aparições e dos fenómenos maravilhosos, que ficará atestando pelos séculos fóra a bondade maternal da Rainha do Céu e a piedade generosa e acrisolada dos portugueses, seus filhos, de quem é a aúgusta Padroeira.

A capela das aparições será completamente refundida e transformada num lindo e gracioso monumento, que lembre perenemente ás gerações vindouras o quadro divinal e incomparável da visão dos pastorinhos. E, finalmente, por cima da fonte primitiva, a imagem da Santíssima Virgem, Padroeira de Portugal num excelso pedestal de glória, dominará daquele lugar, que é o centro geográfico de Portugal, os quatro ângulos da Pátria querida, lançando sem cessar sobre ela com largo gesto maternal uma bênção generosíssima de amor, piedade e perdão.

Depois de oito anos

«Por ocasião da minha estada em Fátima, no dia 13 do mez passado, prometi a V. Ex.cia enviar-lhe um relato das circunstancias bem singulares em que se produziu a cura duma gravissima doença de que vinha sofrendo;—tão singulares e extraordinarias que só numa intervenção sobrenatural encontram explicação sufficiente.

Aqui venho, pois, desobrigando-me da promessa feita, juntar o meu publico testemunho ao de tantos outros que, no recurso em ultima instancia para N. S.ª de Fátima, encontraram para os seus males o remedio que as instancias da sciencia humana não puderam ou não souberam dar-lhe.

Faço-o com grande, com muitissimo prazer, o prazer natural de quem cumpre um dever de gratidão, qual é o de dizer alto e sem reboço que o beneficio da minha cura a N. S.ª o devo.

Foi em 1917, ha dez anos portanto, que eu comecei a sofrer duma grave doença de estomago e intestinos.

Disponho felizmente de recursos suficientes para me tratar convenientemente, consultei diversos dos mais distintos e conceituados medicos de Lisboa e de Coimbra, bem como alguns no estrangeiro, podendo citar entre outros os senhores Doutores Belo de Moraes, Moreirinha Junior, Bourguette, Julio de Matos, Sobral Cid, de Lisboa e José Rodrigues e Antonio Moraes Sarmento de Coimbra, Bensaude em Paris e Dr. Groeder na estancia alemã de Bad-Nauheim.

A todos devo fazer a justiça de que á porfia empregaram os melhores esforços para bem averiguar as causas do meu sofrimento, afim de fazerem da minha doença um diagnostico exacto e poderem assim prescrever o tratamento mais conveniente para a debelar.

Certo é, porem, que a despeito de todos os esforços de tão eminentes clinicos, a minha doença agravava-se dia a dia com todo um cortejo de sofrimentos a darem-me uma vida torturada, e sem que os medicos que me iam assistindo assentassem sequer num diagnostico exacto.

Ao passo que uns filiavam a doença numa origem de natureza sifilitica, outros diagnosticavam uma ulcera e alguns chegaram a diagnosticar um cancro.

Como diversos foram os diagnosticos, diferentes foram as terapeuticas a que me sujeitaram, mas sempre sem o menor resultado; a doença seguia inalteravelmente o seu curso, agravando-se cada vez mais; e consequentemente os meus sofrimentos eram cada vez maiores, transtornando por completo a minha vida e transformando-a num martirio permanente e sem treguas.

Realisaram-se diversas conferencias medicas mas tambem da discussão que nelas por ventura se travou não sahiu, nem a luz que projectasse um diagnostico exacto, nem o tratamento que me deesse alivio.

Decorrido assim um ano sobre a minha doença num agravamento progressivo, começaram a surgir os primeiros sintomas de desiquilibrio das minhas facultades.

Visconde de Montelo

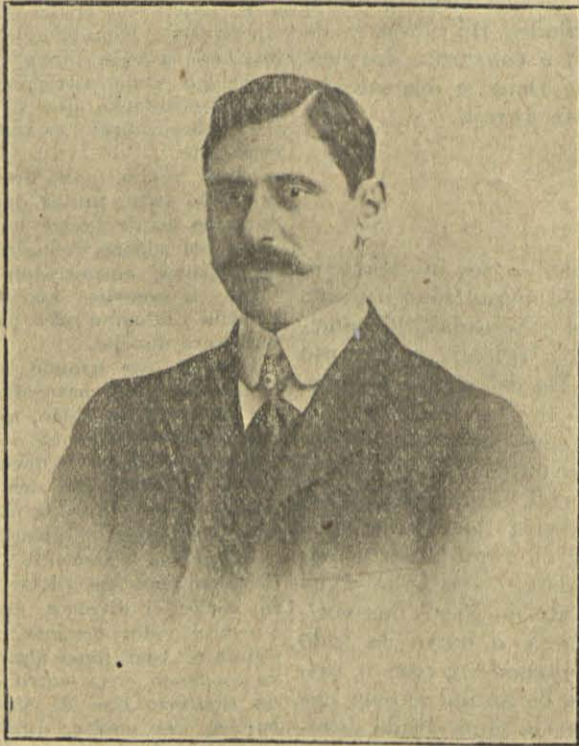
dades mentaes, desequilíbrio dia a dia mais pronunciado e que, se bem me recordo, classificaram de melancolia.

Era uma nova doença, consequência natural certamente, dos sofrimentos nunca atenuados da minha doença primitiva.

Perdi todo o gosto de viver; desprecepei-me inteiramente dos meus negócios e ocupações; passei a afastar-me dia a dia de todo o convívio social, do proprio convívio da família, porque um e outro se me tornaram insuportáveis; fugia de vêr ou de ser visto por quem quer que fosse, como fera que só se sente bem, escondida no covil; deixei de conversar, de escrever, de lêr jornaes, despreocupando-me de tudo e de todos, nada havendo que lograsse despertar o meu interesse ou sollicitar a atenção do meu espirito.

Acabei assim por me isolar inteiramente dentro dum quarto, evitando toda a comunicação com o exterior; e nesse quarto, no reduzido espaço dalguns metros quadrados, se concentrou e decorreu a minha vida durante oito longos anos, uma vida de resto puramente vegetativa, em que a minha intelligencia, a minha vontade e a minha sensibilidade moral estavam perfeitamente anuladas.

Uma unica pessoa consentia junto de mim; era minha esposa, que durante



Joaquim Duarte d'Oliveira

esses longos oito anos foi a minha companheira dedicada de todos os dias, de todas as horas e de todos os momentos.

Numa perfeita compartilha do meu martirio fisico e moral, animada por uma fé e esperança inabaláveis, inteiramente despreocupada de si propria, regulando a sua vida pela minha, sujeitando-se ao mesmo isolamento e despreocupação de toda a existencia exterior, não me abandonando um instante, cançando mas nunca desfalecendo, ela foi durante aqueles oito anos tudo para mim: esposa dedicadissima, companhia inseparavel, medica atenta, enfermeira carinhosa, creada submissa.

E tudo isto foi com paciencia e com resignação inexcedíveis e com um espirito de renuncia e de sacrificio para os quais só Deus tem paga e premio suficientes.

Para se comprehender bem a gravidade do meu estado e os sacrificios a que ele obrigava minha Esposa, bastará dizer que aqueles oito anos de isolamento no meu quarto, os passei quasi ininterruptamente no leito.

E como a minha situação era bem semelhante á duma creança que vive apenas pelo instinto, era minha Esposa quem tinha de ter todos, ainda os mais pequenos cuidados indispensáveis á manutenção da minha existencia.

Era ela quem, por necessidade duma rigorosa dieta, muitas vezes cosinhava os meus alimentos; era ela propria que m'os metia na boca; era ela quem me cortava e limpava as unhas; era ela até quem me cortava o cabelo, pois que a

ninguem mais consentia a entrada no meu quarto.

Nos primeiros tempos desta minha doença mental fui ainda assistido por medicos e cuidado por enfermeiros, tendo sido então examinado e tratado por dois eminentes clinicos de doenças mentaes—o falecido senhor Dr. Julio de Matos e o senhor Dr. Sobral Cid.

Em determinada altura da doença, ahi por 1919, aconselharam os medicos o meu internamento numa Casa de Saude.

Mas prevendo muito bem a falta que me faziam os seus cuidados no estado deploravel em que me encontrava e recejando consequentemente que esse internamento fosse para mim a morte a curto prazo, minha Esposa recusou-se terminantemente a permiti-lo, preferindo continuar a sua vida de abnegação e sacrificio.

Em face do meu estado e da attitude de minha Esposa, os medicos, vendo inuteis todos os seus esforços para debelar os meus gravissimos sofrimentos, foram-se afastando naturalmente de mim, de forma que parentes e amigos, conhecedores da minha situação, passaram a aguardar dum momento para o outro a minha morte, como desfecho natural e logico da minha incuravel molestia.

Uma pessoa só, com fé inquebrantavel, continuou a acompanhar a minha doen-

Teve o meu parente e amigo de fazer todas as despezas de conversa sem conseguir fazer vibrar, ao de leve que fosse, a menor fibra dos meus antigos sentimentos affectivos.

De tal forma que ao despedir-se, como me dissesse que voltaria de quando em quando para uma palestra, só então acordei para lhe responder friamente—«é melhor não voltar».

Foi esta a significativa reacção da minha sensibilidade destrambelhada,—manifestação bem clara da tendencia absorvente do meu espirito para o isolamento absoluto.

Nas proximidades do dia 13 de Outubro do ano corrente, passados portanto aproximadamente dez anos sobre a minha doença, resolveu mais uma vez minha Esposa apelar para a Providencia, por intercessão de N. S.^a de Fátima.

Fez a sua promessa a N. S.^a; sem que eu o percebesse fez-me beber agua de Fátima; e, arrastada pela ardente esperanza de que os seus rogos iam ser satisfeitos, deixou ficar junto de mim o numero dum jornal de Fátima em que um distinto medico de Nelas relatava as circunstancias extraordinarias em que se viu curado e salvo dum gravissimo desastre.

Um extranho impulso me obrigou a lêr aquele jornal e pela primeira vez, depois de tantos anos, tive uma sensação de alivio e de conforto.

Rasgaram-se as trevas em que o meu espirito estava mergulhado, e sem plena consciencia ainda do que fazia, no dia 12 de Outubro eu proprio pedi a N. S.^a de Fátima que me curasse como havia curado aquele medico.

Desta vez o deferimento dos meus rogos e dos rogos de minha Esposa foi rapido; e se o despacho foi rapido a cura foi fulminante.

No dia 13 de manhã retomei a perfeita consciencia de mim proprio.

Nesse dia almocei já por minha mão e, logo a seguir ao almoço, manifestei o desejo de ver meu cunhado, o senhor Candido Sotto Maior, que há oito anos não via:

Minha Esposa, um pouco a medo ainda, acompanhou-me ao quarto dele, onde o abracei efusivamente, com muitas lagrimas á mistura.

Nesse mesmo dia vim jantar já com minha familia, comendo de tudo, bebendo vinho, tomando café e sem que o meu enfraquecido organismo se ressentisse desta rapida sortida duma rigorosa dieta de longos anos.

Do dia seguinte por deante passei a fazer a minha vida inteiramente normal, retomando o fio dos meus negocios e ocupações interrompido ha 8 anos, lendo, escrevendo, conversando, passeando, comendo sem dieta, dormindo repousadamente e recuperando dia a dia as minhas forças físicas, com inteiro espanto de todos os que conheciam o meu estado anterior e que ao ver-me assim, curado dum momento para o outro, sem transição, sem evolução de qualquer especie, ficavam ainda perplexos, como quem tinha dificuldade em acreditar o que via, mais desconfiados ainda que S. Tomé, que ao ver acreditou logo.

No dia 13 de Novembro pude já ir a Fátima, numa longa viagem de automovel, sem o menor cansaço e na melhor disposição de corpo e de espirito, para agradecer, como me cumpria, a N. S.^a de Fátima, o imerecido beneficio com que me distinguiu, dando-me dum dia para outro a cura completa dos meus torturantes sofrimentos.

E bem posso dizer que foi esse um dos dias mais felizes da minha vida.

Mais uma vez se constatou que Deus, infinitamente grande, infinitamente sabio e infinitamente bom, é tambem infinitamente poderoso para fazer num momento aquilo que em anos não pode conseguir a limitada e falivel sciencia humana.

Escusado será dizer que aquella camada de cinzas, que recobria o lume pouco vivo das minhas creanças, desapareceu, voou como fumo; e o «credo», que era então para mim uma oração quasi vazia de sentido, irrompe-me hoje irresistivelmente dos labios num brado de fé viva e ardente.

Lisboa, Av. Fontes Pereira de Melo 16, 2 de Dezembro de 1927.

Joaquim Duarte de Oliveira

O NOME DE MARIA E O DIABO

O P.e Hill, missionário, descrevera as cerimónias ou exorcismos que empregava para libertar uma pobre pagã possessa.

O demónio, pelos labios da pobre desditosa, teve de confessar que a religião cristã era a unica verdadeira.

A uma mulher, que, havia apostado dizia ele: «Tu és sempre cristã; a cruz do baptismo nunca se apaga; se te não convertes, tem cautela com o inferno».

N'um sermão sobre o inferno, o demónio interrompeu-me pela boca da possessa, dizendo: «Tudo o que o Padre diz, é verdade: ha um inferno».

Outro dia, em que eu a aspergia com agua benta, viu-se saltar como debaixo dos golpes d'um chicote, bradar e chorar: «Sim, eu vi este estranho espectáculo, vi o diabo chorar!... choro silencioso, choro de desespero, de condenado, indescriptível...»

A acção do demónio manifesta-se tambem nos países cristãos.

Algumas vezes, o mesmo demónio rugia como um leão.

Mandei-lhe fazer tres prostações pronunciando o santo nome de Maria... A principio recusou, mas, forçado, acabou por dizer muito baixo — Maria.

Este nome de Maria era um supplicio para o possesso. Notamos que os canticos sagrados o punham de mau humor; e por isso, os nossos meninos cristãos lhe davam, de coração alegre, com todas as suas forças, um concerto ensurdecedor. O cantico de Lourdes: Ave, Ave, Ave-Maria, traduzido para os nossos chineses, era-lhe insuportável.

Oh! dizia ele, como eu soffro!... Batem-me batem-me!... Não posso ouvir estas palavras: Avé! Avé! Marotas fazeis-me morrer de colera. Não morreu, mas em breve teve de partir.

Stella Matutina

«Gerti! Onde estás tu, minha peste? Vá já buscar o leite!»

Uma pequenita de seis ou sete anos levanta-se lá dum canto onde estava sentada e entra na casa visinha donde sai pouco depois, trazendo uma bilha de barro.

Nisto um garotito surge lá duma esquina e fazendo caretas grita á pequena: «Eh! — Olha a Gerti, a selvagem. Feia, má, feia, feia!»

A pequena, cheia de colera, enraivada, passou a mão pelo cabelo em desordem, pousou a bilha com o leite a um lado da rua e se o pequeno não fogue não ficaria sem bom troco.

Quando voltava para tomar a bilha, um gatinho vem encostar-se a ela procurando agarrar-se-lhe aos vestidos. Com certeza queria brincar.

A pequena acariciou-o mas querendo segurá-lo, deixa cair o leite.

«Que irá agora a velha fazer?» (murmurou ela).

Um homem que passava e que observou tudo teve dó da creança e perguntou o seu nome.

«Não é da sua conta (respondeu resolutamente)!»

— Pois sim, menina, mas a tua mãe vai-te ralar, diz-me, pois, o teu nome e dou-te dinheiro para outra bilha e outro leite.

— «Não quero nada. Siga o seu caminho. Se me ralharem é o mesmo. Se me baterem, eu sei arranhar, morder e defender-me».

— Que creança tão má..., murmurou o homem, e foi-se. Gerti enfrou resolutamente em casa da patrão, uma velha farrapeira que vivia numa ruasita estreita, um

VOZ DA FÁTIMA

Despesas

Transporte	89.343\$01
Papel, composição e impressão do n.º 63 (32.000 exemplares)	1.965\$00
Sêlos, embalagem, expedição, transportes, gravuras, cintas, etc.	466\$64
	91.774\$65

Subscrição

(Março de 1927)

Enviaram dez escudos: Ermelinda Paquete Silva, Elisa Mendonça, José Pereira da Nobrega (12\$00), Grasiela Ferraz (15\$00), Vicencia Teixeira Mendonça (12\$00), Alfredo Ferreira da Nobrega, Gertrudes Silva Maia (11\$00), Maria Margarida Marques, Maria Julia Sampaio Caldas, Maria Florinda Frazão Pedroso, P.e José Gonçalves Leitão, Carlos Costa (20\$00), Tertuliana de Jesus. Adeline Queiroz Caldeira Barahona, Almerinda Miranda Fragoos, Maria Margarida Guimarães (20\$00), Maria Emilia Fernando, Ermelinda Carneiro Leão, Candida Amaral, Arminda Amaral, Condessa das Devezas, Dr. Joaquim Alves Martins, Maria Gil de C. Nova (35\$00), P.e Luis Caetano Portela, Maria Manuela de Vasconcelos (27\$00), Ana Emilia Ferreira dos Santos (20\$00), Antonia Bastos, Alfredo Viegas, Maria Marques Rosa, Mary Abilia (30\$00), Maria José da Silva, Z. Sinde Pinto, Isaura Matos, Ermelinda da Camara Leite (1 dolar), Maria Alive Figueira da Silva, Olinda Portocarrero, Maria Barbosa de S. P. Vinagre Preto, P.e Joaquim Plácido Pereira, Izabel Gonçalves Caldeira, P.e António d'Almeida Correia, P.e Américo Augusto de Lacerda, Carlota Augusta Dias, António Marques Serra, Maria Noemi de Faria, Viriato Pimentel Cordeiro, Luiza d'Oliveira Xavier, P.e António Augusto Ribeiro, Carolina de Jesus da Silva Couto, Maria da Graça Messias, Sofia Almeida (1 dolar), Jordão Souza (1 dolar), Ana da Conceição D. Lucaria, Maria Albertina da Conceição Costa Totta, Luzia da Costa e Silva, Condessa do Cartaxo, Condessa de Paço de Lumiar, Artemisia V. Marques da Cunha, P.e Eurico de N. Lacerda Pires, Octavija Marini Garcia (50\$00), Deolinda dos Reis, Maria Candida d'Abreu Freire, P.e José Luís da Rocha, João José Araujo, António Pedro Ferreira Dias, Arminda Santos, Maria Eugénia Reis (20\$00), Adriana Flores Rascão, Lucinda Pereira de Magalhães, José da Graça Junior (15\$00), P.e Evaristo Carneiro Gouveia (60\$00), Maria Julia da Rocha (12\$50), Maria de Nazareth Valentim de Sousa, Palmira Martins Faria, Ester Borges Cabral (15\$00), Joaquim Nunes Pires, Joaquim Pereira Delgado, José Friães (15\$00), Francisco Ferreira de Sousa, José António Gonçalves d'Azevedo, Ester da Conceição Reis C. Teixeira, José Lourenço Fernão Pires (20\$00), Rita Nogueira, P.e Joaquim Dias Duque (80\$00), Maria Izabel Monteiro Reinas (50\$00), Margarida Manuel Pinto Coelho, Francisco de Paiva Boléo (17\$00), Luciano Cordeiro Gonçalves, Manuel Duarte Ortigoso, Maria do Carmo Pereira de Lacerda de Penalva (20\$00) Camila Rodrigues Mota, Dulce Martins Pereira, P.e José Machado Ferreira, Rosa de Jesus Leite (20\$00), D. José Maria Camara (Belmonte), 30\$00, P.e António Pereira Ribeiro, D. Eduarda Albertina T. de Santiago, Maria Adriana de Santiago, S. Ribeiro, Aurora Augusta Correia, Delfina Augusta de Pina, Gracinda de Sousa, Eduarda Albuquerque de Pina, P.e Domingos de Figueiredo (20\$00), Aurora Vaz Clemente Marques da Cruz, Manuel das Neves, Maria Adelaide Salazar Norton, Ana Esperança Rodrigues M. Eduardo Freitas, P.e Augusto d'Araujo (20\$00), Amélia Velindrinha (35\$00), Amélia Lopes de Mendonça (60\$00), Maria da Conceição Lopes, Olívia Viegas Alexandre, Olímpia Cunhal Patricio, Clara Maria Ribeiro Teles, Maria Mendes Lino, Leopoldina Maria Borges (20\$00), Lidia Mendes Leal (15\$00), Joana Eliza da Cunha V. d'Albuquerque, Maria José Canico, Viscondessa de Montedor, José da Rocha Painhas, Avelino José Cerqueira Marques, Joaquim Cardoso da Silva, Antonia Malafá, Visconde de Cortegosa, Trindade Leitão, Rosa da Costa Maciel Gonçalves, Manuel de Passos Martins, P.e Domingos A. Gonçalves Borlido, P.e António Martins Carneiro, Raymunda d'Almeida Alves.

caminhosito impossível, sombrio já fóra da cidade, onde só passava algum garoto que jogasse as escondidas.

Havia quatro anos que a velha para ali tinha vindo fazendo da casa um depósito de farrapos. Tinha para lá levado a pequena em creancinha, que ali cresceu sem ar puro, sem luz, sem educação nenhuma e sem afectos.

Vendo-a entrar sem a bilha do leite e com um gato ao colo, a velha ficou furiosa e agarrando pelo pescoço o gatinho cheio de medo estatelou o animalzinho no sobrado onde ficou em convulsões e depois morreu.

«Má gritou a pequena, má, que mal lhe faria o gatinho?»

— Tu calas-te, minha lésma? (gritou a velha avançando raivosa para Gerti).

A pequena vendo os ares decididos da velha, saiu pela porta fóra e só parou, ofegante, quando se julgou a salvo das pancadas.

Veio a noite. Os candieiros da iluminação refletiam a sua claridade nas águas do Tejo. No céu as estrelas numerosas scintilavam no céu.

Gerti abismava-se na contemplação das luzes.

«E' belo isto, é muito lindo, dizia ela».

Ela nunca tinha saído daquela ruella infame, nem alongado os seus passos até ao cais, pois que andava vestida dum trapagem impossível e tinha vergonha de quem a via. Por outro lado a velha não lhe dava ocasião de se ocupar doutra coisa senão da escolha dos trapos.

A sua unica distracção quando chegava a noite e a velha, por economia, não acendia luz, era sentar-se a um canto da casa e observar o brilho das estrelas.

«Quem será que se acende? se perguntava ela. Nesta noite ela esquecia a sua miséria, os seus farrapos e mesmo a morte do gatinho, ao contemplar o seu estrelado e os reflexos da luz sobre a agua. Durante muito tempo ali ficou encostada ao parapeito.

Nisto, passa uma senhora que lhe diz: «Olha que tu estás muito inclinada e podes cair!»

Gerti voltou-se bruscamente e encontrou-se na presença de uma senhora idosa levando pela mão uma loura menina.

«Já é tarde, continuou a dizer com benevolencia a senhora, e as meninas não devem andar de noite sózinhas pela rua. E' preciso ir para casa».

— Para casa não vou, respondeu a pequena com decisão.

— A tua mãe ha-de estar em envidados.

— Eu não tenho mãe, estou em casa duma velha que mora acolá para aqueles lados.

— E' tua tia?

— Não é. Ouvi dizer que ela antigamente tinha uma hospedaria noutra terra. Foi lá que a minha mãesinha morreu.

— E teu pai?

— E' um vadio.

— Oh! menina, não fale assim. Conhece-o?

— Não conheço. A minha patrão é que disse que elle é um vadio. E se elle é como ella é melhor não o conhecer.

— Então, não conheces ninguém da tua família?

— Não... mas que é que isso lhe importa?

— Tenho interesse por ti, menina, e é por isso que eu pergunto. Gosto muito das creanças.

— A mim, ninguém me tem amor.

— Mas olha cá: não tens nenhum retrato ou qualquer lembrança dos teus pais?

— Tenho aqui isto que a velha me deu num dia que já tinha bebido sofrivelmente, dizendo que isto não valia dez reis.

Gerti tirou do seio um embrulho, que levou mais de cinco minutos a desatar e a desenrolar. Envolvido em numerosos papeis estava um terço e uma medalha de cobre prateada.

«Porque não queres tu voltar para a casa onde estiveste até agora? perguntou a senhora, mais comovida do que na realidade parecia.

— Porque a velha é muito má. Todo o santo dia me chama nomes, me bate e... mais coisas. Mas matar o gatinho, tão lindo e que veio para mim como se eu fosse amiga dele... isso não lh'o perdôo.

Mas agora estou contente, vinguei-me. Atirei-lhe com um banco á cabeça e ficou a escorrer sangue que eu bem vi.

Bem feito!

Isso é uma acção muito má. Vem comigo. Vai pedir perdão a essa senhora e ella não te bate.

— Ella não é senhora nenhuma, nem lhe peço perdão, nem nunca mais lá vou.

— Mas olha que os policiaes prendem-te e levam-te para a cadeia.

— Pois é melhor isso do que voltar para casa.

— Oh! avósinha, diz docemente a menina loura, levemo-la conosco, sim? Faz-me a vontade. Para casa duma mulher tão má, não. Diga, avósinha, diga já que sim.

— Está bem... ao menos hoje irá.

— Sempre, sempre, avósinha.

Aproximando-se de Gerti, espantada, a netinha tomou-lhe a mão e diz.

— «Vem para nossa casa. A avósinha é muito boa e ella trata-te muito bem. Olha: tenho lá uma boneca que fecha os olhos e... muitas coisas lindas. Tu ficas sendo minha irmãsinha porque a outra morreu, e o papá e a mamã tambem.

Gerti, olha-a, pasmada.

«Vocemecês não gostam, depois, de mim! diz ella tristemente. Eu sou muito feia e muito má. Ninguem quer brincar comigo e riem-se de mim e dos meus vestidos».

— Tu não és feia, isso não é verdade, diz vivamente a sua interlocutora...

Só tem o cabelo em desalinho e a cara mal lavada. Eu vou-te dar vestidos. A avósinha quer tudo que eu quero.

— Vem, anda, diz a senhora. A minha Mariasinha é boasinha. Em companhia dela tu não serás má.

— Ah! eu não sou sempre boa, diz Maria corando, mas queria-o ser para dar gosto á Santíssima Virgem.

Tu gostas da Santíssima Virgem?

— Eu não a conheço. E' alguma senhora da sua rua?

— E' a mamã de Jesus, a mamã de todas as meninas da terra e a Rainha do Céu.

— Do Céu? Lá de cima?... perguntou Gerti mostrando o azul estrelado.

— Sim.

— Então ella está perto das estrelas? Gostava de saber quem as acende.

— E' Deus.

— E' Deus?

— Tu não sabes quem é? (perguntou Maria com inquietação).

— Não, mas se a menina o conhece, diga-lhe que nunca se esqueça de as acender porque ha noites tão escuras! E então eu sinto cá um frio no coração!... gosto tanto das estrelas!

— Minha menina, diz a senhora, a Santíssima Virgem a quem tu rezarás juntamente com Maria, é tão bela, tão brilhante no Céu, que passa em beleza as mais lindas estrelas e chamam-lhe a Estrela da Manhã. Olha, com este terço é que a tua mãesinha devia rezar porque ella era Filha da Santíssima Virgem, como o prova esta medalha onde eu vejo gravado: Lisboa, 8 de dezembro de 1899.

— Ah! então, eu quero vêr esta Estrela, esta (como é que se diz?) Santíssima Virgem!

— Então é preciso perdoar, não nos zangarmos, fazer como Jesus que perdoou aqueles que o injuriavam, lhe batiam e zombavam d'Ele.

— E Elle deixou que lhe batessem?!...

— Deixou.

— Ah! eu defendo-me e vingo-me. Arranhei o João meu visinho, um grande de 13 anos que me batia.

Jesus estava atado?

— Não.

— Isso não posso, minha senhora. Então se ella tambem tivesse morto o seu gatinho, talvez o menino Jesus tambem lhe atirasse com o banco á cabeça!

— Ah! não, disse a pequena Maria, intervindo: Jesus deixou-se pregar de pés e mãos perdoou aos seus carrascos.

— Fez mal! declarou Gerti em tom peremptorio.

— Maria, diz a avó á sua netinha, nós ensinaremos mais tarde a religião a esta menina.

Chegámos a casa e o mais urgente é dar-lhe um banho e comida e depois fazel-a dormir. «Quando Gerti bem lavada, estomago cheio, envolvida numa camisa de dormir branca como neve, rescendendo, se viu na sua caminha improvisada, a avó abraçou-a traçou sobre ella o signal da Cruz e disse-lhe:

«Dorme bem, pequena. Nosso Senhor enviou-te aqui, não te abandonaremos. Agora, como oração da noite, dirás só isto comigo: «Meu Deus, eu vos dou o meu coração».

Gerti repetiu docilmente esta curta formula.

A pequenita, porém, não podia dormir. Ella sentia-se tão feliz nesta situação confortável! Alguem teria amor a ella, á pobre selvagem?... Seria possível?... E era o bom Deus que a tinha para lá conduzido!... A senhora tinha-a abraçado... Como é bom e doce um beijo de avósinha!

Saiu da caminha e aproximou-se da grande janela de que afastou as cortinas. A noite estava clara. Levantando os olhos para o Céu constelado, Gerti murmurou: «Meu Deus, vós que acendeis as estrelas e me conduziste aqui, mostra-me esta Santa Virgem tão boa. Mostra-me a brilhante Estrela da Manhã.

Passaram-se anos durante os quaes Gerti não deixou aquelas que a tinham recolhido. A avósinha morreu e Maria partiu para as Carmelitas.

Gertrudes desposou um operário cristão e foi uma feliz mãe de familia.

Uma tarde appareceu um velho deante da sua porta que a todos que encontrava dizia: «tenho fome» Gertrudes levou-o para casa deu-lhe de comer e preparou-lhe cama, indo de encontro á opinião de algumas visinhas que tinham não fosse algum ladrão dissimulado.

Ah! Este velhinho é-me tão simpático! Está tão fraquinho! Como pode elle fazer mal.

No entanto, diziam-lhe as visinhas, é bom acautelar e dar volta á chave até vir o seu marido.

Antes, porém de fechar a porta, Gertrudes olhou para dentro e viu que o velho chorava.

Aproximando-se, perguntou: «vocemecê tem grandes tristezas?»

— Sim, minha senhora. E o ver-vos veio aumentá-las. Os seus olhos, a voz e o riso são como o da minha pobre Ana; e a minha filha Gertrudes deve tambem ser assim. Ah! Eu sou um desgraçado. Em frases sufocadas elle contou a sua triste historia. Casado com uma mulher amante e piedosa, elle tinha-a trahido e abandonado com a sua filha. Depois, cançado de uma vida de vicios e impiedade, voltára mas ella mulher tinha-se apesentado com a menina.

Procurou e soube que sua mulher-tinha morrido mas a creança... não foi capaz de a descobrir. «Se eu fosse rico eu poderia melhor procurá-la mas assim... pobre...

Apresentar-me á policia, não, não tinha animo. Farto de estar nas suas mãos estava eu.

Uma tarde, numa rua estreita encontrei uma pequena que se parecia com Gertrudes e devia ter a sua idade. Interroguei-a mas ella recusou-se a dizer o seu nome. Depois ella era tão insolente que eu pensei: «Não, não pode ser ella.» Terá pena de não a seguir!

A minha filhinha, se ainda vive, deve ser muito desgraçada. Quem sabe lá como ella terá vivido e em que degradações teria caído! E por minha culpa. Eu tinha esquecido a oração mas voltei a rezar. Esta manhã fui á igreja pedir á Santíssima Virgem que m'a fizesse encontrar se ella não está já no céu.

Ah! se eu a encontrasse feliz!... Eu não lhe diria nada nem me daria a conhecer. Não. Eu poderia ir envergonhal-a. Mas se eu a visse de longe eu me diria: «ella é feliz, ella é honesta, ella é boa... e morreria tranquilo e com maior esperanza no perdão de Deus!»

A jovem esposa violentamente comovida, perguntou:

«Não é Ana Teresa o nome da sua mulher?»

— Teresa... sim. A senhora conhece-a?

— Conheço Gertrudes, respondeu ella.

O ancião olhou para ella. Estava palido mas o seu olhar estava radiante de alegria.

— Oh! exclama elle... não fale. Tenho medo!... Gertrudes: Sim, meu Deus, sois vós.

— Sou eu, sou diz ella, cobrindo de beijos a fronte do ancião. A Santíssima Virgem não quiz que me visseis de longe mas conduziu-vos a minha casa onde ficareis sempre, onde tereis toda a minha ternura filial. Não fale do pasado, paesinho. Esqueça tudo e não nos separemos mais.

Durante algumas semanas viveu ainda o ancião com sua filha e seus netinhos. Mas a vida ia a extinguir-se e pediu os sacramentos.

Gertrudes o ajudou e consolou naquella luta suprema.

«Já não vejo, minha filha, diz elle. E' noite, Gertrudes, será eterna esta noite? Tenho medo!

— Pae querido, não tema a noite. A toda a hora lá está brilhante a Virgem Maria, a Estrela que dissipa as trevas e os terrores. Invoquemol-a.

— Stella Matutina, murmurou o velhinho, e expirou docemente.

Onde intervem a Virgem Maria tudo é piedade e clemencia.

AS CURAS DA FATIMA

Porto, 3 de Novembro de 1927.

É extremamente consolador que a devoção a Nossa Senhora de Fátima, que floresce de há muito em freguesias circunvisinhas, como Murtoza, etc., esteja a espalhar-se por contacto nesta freguesia. Uma prova disto são os factos que a seguir relato pedindo o favor da sua publicação na *Voz de Fátima* bem como das fotografias que envio juntamente, o que agradeço desde já

P.e Ferreira da Silva.

Albano Valente da Silva, de dois anos de idade, natural da freguesia de Pardilhó, concelho de Estarreja, tendo sido atingido por uma pleuresia purulenta e como o puz aumentasse em extremo tornou-se necessário uma intervenção cirúrgica. No entanto o médico não queria recorrer a esse meio supremo por julgar que a criança não tinha forças bastantes para resistir á operação. Então uma devota de Nossa Senhora ialou á



Albano Valente da Silva

mãe na bem dita água de Fátima e trouxe-lhe um copo do salutar liquido. A criança bebeu-a e passados dois dias era tão satisfactorio o seu estado que o illustre médico assistente Sr. D. Abreu Freire constatou o facto de sensiveis melhoras a ponto de já poder ser operado.

Foi então operado. Operação que consistiu em abrir um orificio no lado esquerdo do peito até á pleura pondo assim em comunicação com o exterior o puz localizado nesta região por meio dum tubo de borracha.

Quanto sofreu esta criança não se póde imaginar. O puz além de cheirar mal, humedecendo continuamente os pensos e vestidos ocasionava um mal estar constante á pobre criança.

De tempos a tempos era preciso avivar o orificio que ia tapando e impedia assim a saída do puz, o que lhe causava dores horribes.

Demais o pequeno só caminhava torço, portanto sob uma pressão continua e que para uma criança desinquieta é um tormento incalculável.

Todos tinham as esperanças perdidas e esperavam cada dia o desenlace fatal. No entanto a purulência começou a diminuir até que cessou, a ferida cicatrizou como eu proprio tive ocasião de verificar e a criança ficou direita, caso anormal em pleuresias, e com a esperança de outrora.

A mãe sumamente grata á Virgem Santissima foi em Setembro a Fátima com o pequeno, já curado, agradecer á Consoladora dos Afflictos e cumprir o voto que fizera de dar dez dolars em oiro.

Armando Valente Tavares, de 13 anos de idade, da freguesia de Pardilhó, concelho de Estarreja vem por este modo cumprir um dever de gratidão para com a Consoladora dos Afflictos. Há tempo que sofria de um abcesso na espinha.

Segundo o juizo da medicina, confirmado pela radiografia, esse abcesso foi considerado incuravel.



Armando Valente Tavares

Sua mãe extremamente afflicta pela sorte de seu filho tão rudemente ameaçada recorreu á SS. Virgem e entre outros votos fez um de dar uma esmola para o culto a Nossa Senhora de Fátima. Passados apenas dois dias cessaram as dores e o estado febril.

É preciso notar que o abcesso o obrigava a caminhar torto. Pois apesar disso passados os dois dias readquiriu a posição normal.

Esta cura causou muita admiração na freguesia, pois todos conheciam o estado do pequeno. Muito grata á SS. Virgem esta mãe exultando de alegria foi com outras pessoas no dia 13 do mês de Setembro a Fátima cumprir o seu voto.

Joana Valente Garrida, de 40 anos, natural de Pardilhó, Estarreja foi atacada duma pleuresia fortissima tendo tanta tosse que esta lhe impedia a respiração. Os médicos recusaram-se operá-la por suporem coexistencia de affecção pulmonar. Mandaram os escarros a análise e numa junta médica declararam a doente tuberculosa em grau adiantado e com pouco tempo de vida. Foi então nesta situação afflictissima que esta mãe ao ver, que o seu lar corria o perigo de se desfazer, recorreu á Nossa Senhora do Rosário de Fátima e fez um voto relativo á sua cura. E bem dita a Virgem Santissima, esse voto foi ouvido no céu e a cura embora lenta não se fez esperar. Devo notar que esta cura foi a verdadeira ressurreição dum lar. O Pai ausente, a mãe á espera da morte, um filho sem se poder mover com um ataque que lhe deu em criança, outro com um abcesso na espinha e também miraculosamente salvo. Tão poucas esperanças havia que já todos pensavam na disposição a dar aos dois pequenos.

E nós que residiamos no Porto perguntavamos a cada passo: se a doente já falecera, tão convencidos estavamos do seu estado desesperado. Apesar de tudo isto podemos hoje ver com alegria a doente completamente restabelecida e com o coração trasbordando de santa gratidão para com a Virgem SS.^a

Foi também em Setembro ultimo a Fátima cumprir o seu voto, apesar de uma viagem dispendiosa e incómoda de oito horas de camionete.*

OUTRAS GRAÇAS

Albina Monteiro da Silva (Bairro Serzedelo — Campolide), varias graças. Enviou 40 escudos.

Rita Laborde (rua Rosa Araujo, 53, Lisboa) duas graças: Hortensia Ferreira (mesma casa).

Serafim da Silva Carneiro, de Pardêlhas, havia meio ano que tinha uma ferida numa perna que não sarava com nenhum medicamento; Henriqueta Bro-

chado (rua de S.ta Catarina, 329—Pôrto).

P.e João Ferreira Leitão, de Aveiro, deseja manifestar por este meio a sua gratidão a N. Senhora por uma grande graça recebida.

A. S. P. vendo-se afflito com um grande ataque de tosse e falta de ar. Antonio Luiz da Conceição (rua do Loureiro, 5—Coimbra) tendo obtido uma grande graça temporal de que dependia o seu bem estar e de sua familia.

Maria da Soledade Gomes (rua da Rocha, 62, Angra) vendo uma pessoa de familia afflita com dores interiores, sem poder tomar posição. Faustino Pedro Ribeiro, da Castanheira do Ribatejo, atacado de um tifo de caracter maligno, recorrendo sua mulher e sua mãe a N. Senhora de Fátima. Antonia Rosa, de Arrifana, freguezia de Carquere Douro) gravemente doente e sem esperança de cura.

O superior de uma Missão da Provincia de Moçambique em uma doença grave do figado, que não obedecia ao tratamento medico.

Ana José Abranches de Carvalho (rua da Palma, 288—Lisbôa) curada de hygroma que tinha em um joelho.

F. C., professor de ensino primario, uma graça recebida.

Maria da C. S., da freguezia de S. Mateus (ilha Terceira) vendo seu pae muito afflito e em risco de ficar louco.

Guilhermina d'Assumpção Rosa, de Painho (Cadaval), doente havia mais de oito mezes.

Ana Jordão, de Carritos (Figueira da Foz), tendo melhorado de loucura a cunhada de uma sua amiga que está em S. Paulo (Brasil).

Maria Augusta d'Almeida Pinto, de Vila Verde de Ceia, uma graça obtida. Ludovina Amorim, a cura de uma erisipela no rosto.

Mmanuel Rodrigues de Pinho Chibante, de Valega (Ovar) a cura de uma herpe de que sofria havia mais de um ano.

MANUEL TEIXEIRA PINTO

No dia 19 de dezembro ultimo, confortado com todos os Sacramentos, nas melhores disposições, inteiramente resignado com a vontade de Deus, faleceu no hospital de Leiria o dedicadissimo *Servito* Manuel Teixeira Pinto, que, por devoção para com Nossa Senhora, tinha mudado a sua residencia de Lisboa para a Fátima. Pedimos aos nossos queridos leitores uma prece pela sua alma.

A oração dum soldado

Contava um Bispo, já falecido, que na sua visita a um hospital, se chegou ao leito de um soldado veterano, atraído pelo seu olhar enérgico e franco. Seguiu-se logo este diálogo:

— *Olá, camarada, como vai isso?*

— *Mal, senhor Bispo, muito mal: creio que desta vez recebo baixa definitiva.*

— *Talvez não: mas para o que der e vier, sempre é bom assegurar uma boa reforma. Ora diga: costuma rezar pela manhã e á noite?*

— *Sem falta, meu general... quero dizer, meu senhor Bispo. A minha oração nunca me falta.*

— *E que oração é?*

— *Curtinha, mas boa: oração do soldado.*

— *Naturalmente o Padre-Nosso, a Avé-Maria...*

— *Não, senhor Bispo. Isso rezava eu na missa, ao domingo.*

— *E que rezava então de manhã e á noite?*

— *Olhe, assim: o velho soldado levantou a mão direita até á testa. Faça a continência ao general em chefe que está no Céu e de manhã diga: «Meu Deus, levanta-se vosso servo; tende compaixão dele». E á noite: «Meu Deus, deita-se vosso servo; tende compaixão dele.»*

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	5.530\$05
D. Maria do Rosario Mourão	20\$00
	5.550\$05

EM PEREGRINAÇÃO

(Impressões duma peregrina em 13 de Outubro)

O comboio enorme, ofegante, sumia-se nas trevas do tunel do Rocio.

Avé! Avé! Avé-Maria!

Era magnifica a disposição moral de todos os peregrinos, mesmo dos que iam gravemente doentes!

Vais bem? — perguntava a esposa a um joven condenado pela medicina.

Muito bem, — respondia êle num sorriso cheio de fé e esperança!... Os lábios de todos os companheiros do compartimento, moviam-se em orações por êle... Avé-Maria cheia de graça... N. Senhora do Rosário de Fátima, rogai por êle!

Duas irmãs, iam agradecer á Virgem a saude de um irmão querido que estivera quasi perdido com uma ulcera no estomago. Uma humilde mulher de povo, já de idade, a cura de uma enfermidade que por muitos mezes a impossibilitara de ganhar o pão de cada dia! Ouvi ali no Rocio dizer que partia este comboio com peregrinos para Fátima, — explicava ela: — corri a comprar duas velas para N. Senhora, um pão que vai ser o meu almoço, e lá vou!

Então, e carro para ir de Torres á Cova da Iria? — perguntou-lhe alguem.

Ha lá muitos carros! E se não houver, vou a pé! Por que me curou N. Senhora a minha perna?! Foi para andar... E num entusiasmo que comovia até ás lágrimas, cantava destoadamente um cantico á Virgem.

O comboio, corria, corria, atravessando vinhedos meio amarelecidos, deixando já a traz de si admiráveis paisagens do lindo vale de Santarem.

Torres Novas! — gritou um peregrino! — Lá estão já as camionettes! A breve trecho, estavamos todos dentro delas como sardinha em canastra, mas muito alegres, muito felizes!

Avé! Avé! Avé-Maria!

A ansiedade de chegar ao lugar bemdito aumenta de instante a instante!... São quatro horas ainda de caminho! Que longe, que longe! E as camionettes andam tão de vagar!

É que a carga é grande, e os precipicios enormes! Mas ninguem pensa na possibilidade de um desastre: podia lá ser!... Nós vamos para Nossa Senhora, ela esperanos tambem ansiosa, lá ao fundo, na Cova da Iria...

Ao longe, já alveja a torre da igreja de Fátima! Os corações batem com força, os olhos embaciam-se com lágrimas, um soluco contrai-nos a garganta... Já mal podemos cantar... Avé! Avé! Avé-Maria! Mas cantamos sempre, sempre...

Chegamos enfim! Que quatro horas intermináveis!

É noite fechada, e chove torrencialmente. Apesar disso, e da fadiga que é extrema, todos teem o mesmo desejo de ir quanto antes para junto da Mãe do Céu! De longe a estamos já vendo num pedestal de ouro, formado por velas que a distancia parecem estrelas brotando da terra! Belo! Encantador!

Já transpomos o grande arco, já descemos a ladeira em procissão ja a vemos distintamente, já estamos a seus pés!

Lá está na sua branqueira de irio, a olhar-nos, a sorrir-nos, a falar-nos, viva como quando appareceu aos pastorinhos!

Já não cantamos, estamos mudos, num extase!

Todos os rostos teem a mesma expressão, de todos os olhos saem perolas que a Virgem entesoura em seu peito!

Como ela está contente! Todos somos seus filhos, todos somos irmãos. E que harmonia entre familia tão numerosa!

Mas temos que dar o lugar a outros que veem a trás de nós, é forçoso separarmos-nos! Mais um olhar, mais um beijo das nossas almas!

É noite alta. Ha quasi três horas que a procissão das velas vai a caminho, grandiosa, imponente!

Agora são milhares de vozes que entoam: Avé Avé Avé-Maria!

As velas caminham sempre até formarem um enorme circulo de brilhantes onde fechamos a querida Mãe!

Ela sorri-nos então mais terna, mais carinhosa ainda! As suas purissimas mãos desanem-se os seus braços abrem-se, e estreita-nos a todos contra o peito, fechando-nos para sempre no seu coração maternal!

Flóra Quintela